

RESISTÊNCIAS EM EXPERIMENTAÇÃO: ENCONTROS E AFETOS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Raphaela de Toledo Desiderio

Instituto de Estudos do Trópico Úmido, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Xinguara, PA, Brasil
raphaela.desiderio@unifesspa.edu.br

Carina Merheb de Azevedo Sousa

Secretaria Municipal de Educação de Paulínia, SP, Brasil
camerheb@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um encontro entre exercícios de pensamento de pesquisadoras e suas recém-realizadas teses de doutorado, cuja estratégia comum tem a ver com experimentações que colocam em discussão maneiras de resistir e lutar. O encontro torna possível a reflexão sobre modos de existir nas condições em que vivemos: como professoras, pesquisadoras, mulheres e pessoas que vão para o combate de diferentes modos, nesse caso através da prática do pensamento de uma educação geográfica que, ao mesmo tempo em que nos coloca em certas situações de guerra, também nos faz manter a força de nossos corpos e subjetividades em modo de resistência e luta constante. A distância geográfica não se tornou obstáculo para que, em diferentes contextos, pensássemos a respeito do que nos aproximava em nossos exercícios de pesquisa com e pelas imagens. Essa escrita é resultado desse encontro em um contexto de tempos não tão democráticos. Tempos de guerra, em que as imagens, em suas diferentes formas, fazem parte de um estado de exceção, mas também se tornam força e potência de subjetividades outras, possibilidade de questionar nossas condições de existência(s) e nosso lugar de fala a partir da árdua tarefa de pesquisar, educar e mesmo ser, diante do atual cenário de choque. As experimentações tornaram-se, em nossas pesquisas acadêmicas, possibilidade de pensar modos de resistência e combate em nós, e de alguma maneira nos que estavam conosco.

Palavras-chave: Exercícios de Pensamento. Imagens. Educação.

RESISTANCE IN EXPERIMENTATION: ENCOUNTERS AND AFFECTS IN GEOGRAPHIC EDUCATION

ABSTRACT

This work is about the encounter between the thought of two researchers and their recently held PhD theses, which the common strategy is to experimenting new ways of resisting and fighting. The joint of their thought enhance the reflection on ways of existing in the face of the conditions in which they live: as teachers, researchers, women and beings who get to the diary combat in different ways, specially through the making of a geographic education that, on the one hand, place a "war situation" and, on the other, enable the maintenance of the strength of the bodies and subjectivities as a way of constant resistance and struggling. Geographic distance has not become an obstacle to these women who, in different contexts, would thought about the approaches of their research exercises *with* and *by* images. This work is the result of the encounter of these approaching thoughts, in a context of not so democratic times. Times of war, times when images in their different forms are both part of a state of exception but also become strength and power of producing new subjectivities. Times when images are possibilities to question our existence conditions and our place of speech, since the arduous task of researching, educating and just even being, within the current political scenario of shock. Considering this scenario, experimenting has become, in the academic field, the possibility of thinking and creating ways of resistance and combat, both to the researchers to whom this work of life belongs as on those who always have been with them.

Keywords: Thinking Exercises. Images. Education.

A PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM TEMPOS NÃO TÃO DEMOCRÁTICOS...

Em tempos não tão democráticos como o que nos propusemos a pesquisar, pensar e escrever é um modo de resistir. A informação e a comunicação nos atravessam a todo instante, “[...] a subjetividade é incessantemente bombardeada por imagens do mundo e narrativas que tornam seus contornos caducos e lhe impõe a exigência de se recompor” (ROLNIK, 2016, p. 21). Recompor-se, pois nesta profusão de imagens do mundo, o saber-do-corpo, as experiências singulares e variantes são sufocadas pelo discurso único, o discurso “ocidêntico” (SANTOS apud ROLNIK, 2016).

Nessa escrita as nossas subjetividades são acionadas a partir de processos de investigação, do encontro de nossos exercícios de pensamento que foram produzidos a partir de experimentações educativas e escolares que se tornaram possibilidade de pesquisa na área da educação geográfica através da elaboração de nossas teses de doutorado que têm em comum a resistência como forma de combate às atuais políticas de choque.

Pesquisar, ser professora e mulher tornou-se nesses últimos anos, para nós, modos de (re)existir, resistir e lutar diante dessas políticas de choque, já que ao sermos atravessadas pelo discurso único, pelo bombardeio de imagens, a nossa condição de existência passa a ser da ordem de um pacote de subjetividades marginalizadas e precarizadas no Brasil. A pesquisa, a educação e as questões de gênero estão na pauta, ou melhor, estão entre o que deve ser retirado de pauta em um contexto político de desvalorização e ataque da pesquisa científica, da educação, e da luta pelos direitos da mulher e do ser humano em geral na sociedade. “Estamos em Guerra” (PELBART, 2018).

As políticas de choque estão nesse contexto. Dizem respeito a diversas situações políticas e sociais que o Brasil vivenciou e vivencia, principalmente, entre os anos de 2013 e 2018. Entre elas citamos: o golpe parlamentar, o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, a prisão do ex-presidente Lula, as eleições via *fake news*, e, sobretudo, as declarações públicas via redes sociais que invadiram pensamentos e ganharam vida nos votos depositados nas urnas nas últimas eleições, e que de diferentes maneiras interferem em nossos processos democráticos desde a década de 1980. A “doutrina de choque” segundo a escritora, jornalista e ativista canadense Naomi Klein (2017, p. 12) é uma expressão que:

descreve a tática especialmente cruel de usar, de forma sistemática, a desorientação pública que se segue a um choque coletivo – guerras, golpes, ataques terroristas, colapsos de mercado ou desastres naturais – para aprovar medidas radicais e favor de corporações, com frequência chamada de “terapia de choque.

Acreditamos que essa doutrina foi e é no Brasil, em grande medida, alimentada pelas redes sociais que tiveram, dentre outros, o papel de legitimar, ainda que de modo bastante perverso e grotesco, discursos e opiniões capazes de criar espaços violentos de convergências de ideias e visões de mundo, mas ao mesmo tempo e de alguma maneira, tornaram-se também espaços de combate, de diálogo, de encontros, já que esses nos forçam a pensar (DELEUZE, 2010).

Também corroboramos com Pelbart (2018, p. 5) quando afirma que “estamos em guerra”. Uma guerra econômica, jurídica, militar, midiática, “[...] o modo pelo qual um novo regime esquizofrênico parece querer instaurar sua lógica em que guerra e paz se tornam sinônimos, assim como exceção e normalidade, golpe e governabilidade, neoliberalismo e guerra civil”. Para Pelbart (2018, p. 5) esse novo regime não seria possível “[...] sem uma corrosão da linguagem, sem uma perversão da enunciação, sem uma sistemática inversão do valor das palavras e do sentido do próprio discurso, cujo descrédito é gritante”.

Uma guerra civil, já que não se trata, como em outros tempos, de guerras entre Estados-nação por territórios, pela garantia de matérias-primas ou disputa de mercados, mas de uma guerra contra a própria população, uma guerra de gênero, de raça, de classes, de subjetividades.

Tomamos como base esse contexto de tempos de guerra permeado por doutrinas de choque para elaborarmos uma escrita que tem a ver com modos de existência, com experiências de combate, já que somos parte do que é o inimigo nessa política de guerra, que é uma “guerra contra os pobres, contra os negros, contra as mulheres, contra os transexuais, contra os craqueiros, contra a esquerda, contra a cultura, contra a informação, contra o Brasil” (PELBART, 2018, p. 5).

As experiências que colecionamos através de nossas práticas educativas e acadêmicas, pensando possíveis composições em educação geográfica, tornaram-se ponto de partida para a elaboração dessa escrita, que intenta um exercício de pensar de que modos, e se é possível resistir em tempos de guerra, e em determinada condição de existência.

Ao longo da escrita, explicamos como esses modos de (re)existir vêm atuando em nossos corpos e subjetividades desde então. Em um primeiro momento, marcamos o encontro das duas pesquisas para então, num segundo bloco de escrita, pensarmos a respeito de nossas formas de resistência, e como as mesmas foram capazes de nos forçar a pensar modos de experimentar com e pelas imagens outras geografias africanas. O encontro entre as pesquisadoras se dá em um contexto de elaboração de pesquisas acadêmicas e práticas escolares em geografia, e marca a importância da pesquisa em educação, já que a partir de pesquisa desenvolvida por uma das autoras, a outra pôde se inspirar na elaboração de suas próprias oficinas. Fica evidente neste trabalho, a importância da pesquisa que se dá pelo encontro.

EXPERIMENTANDO RESISTÊNCIAS...

O encontro e o comum nessa escrita nada têm a ver com o ato de juntar por semelhança, por ordem, misturas ou representação. Tem a ver com composições de afetos e relações. O encontro é uma composição possível de heterogeneidades, de acontecimentos que tratam conexões variáveis, em velocidades e espaços distintos.

Aqui, o pensamento se dá pelo encontro com a sensibilidade, com os afetos, já que é sempre através deles que o pensamento nos advém (DELEUZE, 2010), mas Deleuze também é capaz de reconhecer que ninguém sabe de antemão o que os afetos são capazes, não se sabe o que pode um corpo sem a experimentação. O que pode um corpo em estado de choque? Como esses corpos mulheres, pesquisadoras e professoras são afetados em tempos de necropolítica? (MBEMBE, 2018).

A guerra, o choque, a violência nos força a experimentar outros modos de existência, outras composições de vida. Se de algum modo o cenário de guerra civil no Brasil é da ordem de uma guerra que visa manter as estruturas e privilégios da elite do dinheiro e contra a população, ela também é capaz de trazer à tona alguns deslocamentos.

Quais foram os dispositivos que nos fizeram pensar? Quais forças nos atravessaram a escrever sobre esses exercícios?

O trabalho em escolas públicas e a elaboração de teses, em anos subsequentes (2017/2018) tornou possível nossa aproximação, além de participarmos de uma rede internacional de pesquisa, cuja centralidade é o pensamento com e pelas imagens. As teses são resultados de pesquisa a respeito de como as imagens aparecem na geografia escolar, e ao mesmo tempo, o que podem para que sejam deslocadas do lugar que ocupam, o de ilustração, de documento, de prova da realidade.

A pesquisa de Desiderio (2017) intencionou problematizar fotografias didáticas de Geografia, procurando pelos enunciados e formações discursivas a respeito do continente africano, que nos fazem ver a África a partir de estereótipos e da alteridade. A escrita da tese se voltou para o exercício de criar modos de deslocar a fotografia de seu lugar de representação, evidência, documento, arrastando-a para exercícios de pensamento capazes de possibilitar práticas de subjetivação com e pelas imagens na educação geográfica, a fim de criar modos de enfrentar as questões étnico-raciais na Educação Básica. Os exercícios de pensamento que compõem a pesquisa procuraram desestabilizar, desarranjar, escapar a uma sequência estabelecida para o estudo do continente africano em livros didáticos, e criar outras passagens e paragens para o pensamento com e pelas imagens.

A pesquisa de Souza (2018) por sua vez, traz uma reflexão sobre imagens elaboradas por estudantes da rede pública de ensino, a partir de propostas de experimentação de outros tipos de imagens no ensino de um tema que compõe a vulgata da geografia escolar: as relações entre rural-urbano, entre cidade-campo. Essas propostas de contato e produção com outras imagens tiveram como objetivo ultrapassar as fronteiras do currículo habitual, descobrindo potências menores na educação. De maneira geral, teve como objetivo (re)imaginar o espaço e suas classificações, e as imagens que participam dos contextos de escolarização em geografia.

Sendo assim, a aproximação entre as pesquisas se fez muito mais pelos objetivos acadêmicos que nos levaram a pensar nossas teses do que pela possibilidade física de encontros. Através das redes sociais, e afetadas por um conjunto de situações políticas e sociais que vivíamos nos locais por onde circulávamos diariamente, como as escolas em que trabalhávamos e outros espaços públicos e privados, convergíamos desabafos e incômodos que nos cercavam.

A sensibilidade dessas variadas situações que citamos promoveu encontros distantes capazes de nos fazer pensar nossas experiências de norte a sul. De norte a sul, pois no início do segundo semestre de 2018, a pesquisadora/autora Raphaela Desiderio assumiu uma vaga como professora efetiva no ensino superior federal em um município no interior do Pará.

Como professoras que estavam tão distantes fisicamente e tinham propósitos tão distintos poderiam promover situações que as unissem em torno de algo comum? Se projetos interdisciplinares são difíceis dentro da mesma escola, com professores que se esbarram em corredores e salas de aulas quase que diariamente, como duas professoras em espaços tão distantes poderiam fazer algo que de alguma forma as unisse?

O que nos unia naquele momento e o que nos une, na verdade, são modos de pensar e viver o mundo em todas as suas complexidades, e mesmo assim, desejar de alguma maneira estar junto, mesmo que a distância física e geográfica não nos permita.

Outra situação que sempre nos afetou foi à condição do gênero feminino que em certos momentos nos impõe limites. Djamilia Ribeiro (2015) em um texto intitulado *Fulgurações do Outro*¹ apresenta uma análise da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir. Neste, a autora afirma que a condição de gênero para mulher é algo que se impõe, é sempre anterior a ela e se fundamenta na exterioridade. A autora ressalta o esforço de Beauvoir em reconhecer a “situação” da mulher, ou a mulher como situação, e reforça a afirmação feita pela filósofa de que para debater essa situação, é necessário, antes de tudo, afirmar-se como mulher, e é dessa afirmação que se erguerá qualquer outra (RIBEIRO, 2019). Conforme essa perspectiva acreditamos que ao pensar e escrever é necessário marcarmos o nosso “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017).

De fato, a situação de gênero, e todo o discurso de inferioridade da mulher na sociedade brasileira também estão diretamente relacionados à situação de sermos, na época, professoras de escolas públicas em diferentes municípios brasileiros e compartilhamos as nossas asfixias diante de um modelo de escola que também resiste a uma série de ataques como, por exemplo, desvios de verbas para manutenção da estrutura física, aquisição de material, merenda, de mudanças curriculares que não são pensadas por quem vive o cotidiano escolar e por uma série de violências psicológicas e físicas da situação de ser professora no Brasil. Em alguns momentos, elaborando nossas teses, questionávamos a árdua tarefa de pesquisar diante das situações complexas que vivíamos nas escolas todos os dias, e muitas vezes, diante de tantas sensações como perplexidade, medo, frustração e decepção, percebíamos que algo ainda nos afetava, algo ainda nos movia nessa direção. A própria sobrevivência financeira e da profissão que havíamos escolhido era uma maneira de resistir. E era em momentos como esse, que tomávamos fôlego, e íamos para o combate com o que podíamos. “Um estado de alerta instala-se na subjetividade, como quando a escassez de recursos essenciais à vida passa de um limiar que a coloca em risco. Somos então tomados por uma urgência que convoca o desejo de agir” (ROLNIK, 2018, p. 102). A autora afirma que em situações como essa, as nossas respostas oscilam entre um polo reativo, nos qual nos despotencializamos, e um polo ativo em que a nossa potência vital é preservada, podendo inclusive intensificar-se (ROLNIK, 2018).

Marcamos essas situações, pois elas expressam o nosso lugar de fala, a nossa condição de existência, e modos de estar no mundo em tempos em que os processos democráticos são colocados à prova por forças conservadoras e violentas, especialmente no Brasil, mas também no mundo, trata-se de um fenômeno global. É como se essas forças de fato nunca tivessem desaparecido, mas estivessem de alguma maneira, recuado para ressurgir de maneira mais intensa, mesmo que em diferentes contextos. Em uma passagem a respeito desse cenário Rolnik (2018, p. 99) afirma que

o planeta encontra-se hoje sob o impacto de forças vorazmente destrutivas – e nós com ele. Um mal-estar alastra-se por toda parte: são várias as sensações que nos lançam nesse estado. Uma perplexidade diante da tomada de poder mundial pelo regime capitalista em sua nova dobra - financeirizada e neoliberal -, que leva seu projeto colonial às últimas consequências,

¹ Texto originalmente publicado na Revista Cult 207, em dossiê intitulado Simone de Beauvoir – os paradoxos do feminismo.

sua realização globalitária. Junto com a perplexidade diante desse fenômeno, somos tomados por um pavor diante de um outro, simultâneo, que contribui para o ar tóxico da paisagem ambiente: a ascensão de forças conservadoras, com tal nível de violência e barbárie que nos lembra, para ficarmos apenas nos exemplos mais recentes, os anos 1930 que antecederam a Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, os anos de regimes ditatoriais em foram se dissolvendo ao longo dos anos 1980 (os regimes militares da América do Sul e o governo totalitário da União Soviética, entre outros). É como se tais forças jamais tivessem desaparecido de fato, mas apenas feito um recuo estratégico temporário à espreita de condições favoráveis para sua volta triunfal, retomando seu *looping* que parece nunca ter fim.

Sob essa perspectiva, e corroborando com as afirmações da autora, a nossas potências: as ativas e reativas, se mesclam para compor através de nossos encontros uma escrita que deixa à mostra o nosso processo de experimentações em resistências na educação geográfica.

EXPERIMENTAÇÕES I – UMA COMPOSIÇÃO DE AFETOS

O quarto caderno de Kindzu é um relato sobre Farida, uma mulher órfã. Veio ao mundo como filha-gêmea, mas sua irmã morreu dias depois do nascimento e ela sofreu as desgraças que contavam a tradição quando do nascimento de gêmeos. Somente fora lembrada quando precisavam de uma gêmea para os rituais de chuva.

Após o ritual, decidiu lançar-se na estrada, dizia que “[...] aquele lugar já estava cansado dela” (COUTO, 2007, p. 73). De tanto andar, desmaiou e quando despertou estava na casa de um casal de portugueses, Romão Pinto e Dona Virgínia, onde ficou por anos. Dona Virgínia, em seu sonhar, desejava regressar a Portugal. A sonhar ficava na janela olhando o país que inexistia, desenhando em “geografia da saudade”. “[...] tanto esmolou a Deus um outro lugar que ela foi se fazendo remota, e aos poucos Farida recebeu que sua mãe nunca mais se acertasse” (COUTO, 2007, p. 75). Movida por afetos que a atravessavam diante da distância de sua terra natal, Dona Virgínia inventou um modo de lidar com uma “geografia da saudade”, a partir de velhas fotografias e,

[...] com um lápis, a velha portuguesa desenhava outras imagens. Às vezes, recortava-as com uma tesourinha e colava as figuras de umas fotos nas outras. Era como se movesse o passado dentro do presente. – *Olha, vês? Este é o meu tio. Foi quando ele veio cá visitar-nos.* Um tal parente jamais estivera em África. Mas Farida nem ousava desmentir. As fotos recompostas traziam novas verdades a uma ideia feita de mentiras (COUTO, 2007, p. 75).

Os trechos da estória de Farida, personagem do livro *Terra Sonâmbula* (2007) do escritor moçambicano Mia Couto, foram capazes de mobilizar o pensamento com as fotografias na educação geográfica, numa tentativa de desmanchar/desfazer o já dado. Há uma força que transborda da velha portuguesa, algo que a perturba, um sonho, o desejo do regresso. Há também uma escrita poética que nos coloca diante daquele pedaço do Moçambique, país de colonização portuguesa; há uma simultaneidade de estórias que nos deslocaram do espaço como superfície para um espaço afetivo. A potência presente na escrita de Mia Couto, e, de modo geral, presente na literatura africana contemporânea, foi capaz de produzir uma série de experiências com a África. Essas experiências múltiplas e simultâneas que fazemos com o mundo, e as distintas capacidades que a subjetividade tem de apreender essas experiências, tiraram-nos do eixo, contaminaram-nos, deslocaram algo na pesquisa com e pelas imagens. Algo tocou a pesquisadora, assim como tocou Dona Virgínia, e numa experiência quase inconsciente, no sentido de ter sido despreziosa e atravessada por afetos, houve um processo de invenção, de criação de formas de desmanchar a África em nós.

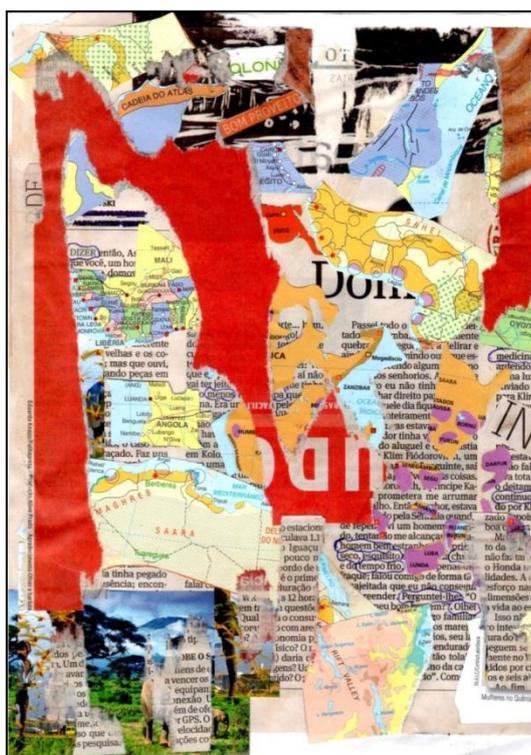
Com as “velhas fotografias” - a dos livros didáticos - tal como a velha portuguesa, desenhamos, recortamos, colamos, rasurei essas imagens na tentativa de fazer aparecer algo do não dito ou, como disse Farida, “[...] novas verdades a uma ideia feita de mentiras” (COUTO, 2007, p. 75). Recortar e colar fotografias umas nas outras para fazer aparecer Áfricas aprisionadas em meio às “velhas fotografias”, explorá-las como raramente o são, como possibilidade de “[...] criação artística e invenção de mundos” (WUNDER, 2009, p. 68).

A possibilidade de riscar, recortar, suprimir legendas, inventar mundos e mobilizar o já dito, brincando com o “[...] o jogo entre visível, real, imaginário e ficcional suscitado pelas imagens” (WUNDER, 2009, p. 68), surgiu de encontros. Encontros com a África dos africanos, com as suas perspectivas sobre o continente, sobre o que têm a dizer sobre suas estórias e geografias pessoais. A literatura, assim

como trechos de obras de escritores africanos, ou que-dizem-da-África colocou-nos diante de Áfricas mais sensíveis, violentas e tristes também, mas Áfricas habitadas por “gente de verdade”, de histórias incríveis que misturam as histórias e geografias do continente às ficções e imaginações do continente.

Ao pensar em forças para desequilibrar as nossas relações com o mundo fotográfico, deixamos que a literatura nos arrastasse para Áfricas outras. Sentamos ao lado da velha portuguesa e percorremos as imagens-fotografia como o próprio espaço da experiência. Mas também nos sentamos ao lado da velha portuguesa quando brincamos com as imagens experimentando uma força intensa, algo que vem de fora, e é capaz de atuar na sensibilidade, na subjetividade. Os afetos não têm localização geográfica, e nem pode ser classificados, adjetivados, didatizados. É importante destacar que esse exercício de pensamento com e pelas imagens foram resultados de uma série de oficinas experimentais realizadas com estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, portanto, com professores(as) em formação.

Figura 1 - Composição de Fotoáfricas.



Fonte: Desiderio (2017).

As oficinas foram espaços de pensamento, de invenção, de criação, de resistências no sentido de nos colocar diante de imagens que circulam numa geografia escolar eurocentrada, colonial, (re)produtora de estereótipos e invenções a respeito do continente e dos africanos, que mesmo diante da obrigatoriedade do Ensino de História Africana e Afro-brasileira nos currículos escolares através da Lei 10.639 de 2003, segue repetindo uma geografia que torna visível o continente a partir da geografia e história do colonizador, assim como no Brasil.

EXPERIMENTAÇÕES II – PRENDA O CABELO, SOLTE O PRECONCEITO!

A leitura da tese de Desiderio (2017) foi fundamental para a experiência que foi elaborada por Souza (2018) em uma escola da rede municipal de Paulínia – SP. Nessa ocasião, a prática que estava sendo adotada na escola era mobilizar os estudantes de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental a elaborar situações que os fizessem entender, mas, sobretudo combater, resistir e ressignificar a data da consciência negra, dia 20 de novembro de 2018.

Para isso, os estudantes tiveram contato com situações que foram inspiradas na tese do Desiderio (2017), como, por exemplo: 1) imagens que desestabilizam o continente *versus* imagens dos livros didáticos; 2) frases e músicas escolhidas pelos estudantes; 3) “mapas mundi” sem o contorno de África, e 4) elaboração de um livro feito à mão pelos estudantes, cuja capa era o rosto de Marielle Franco.

Nessa ocasião, a escola preparou oficinas durante a semana para que os estudantes preparassem materiais a serem expostos no dia da consciência negra, dia em que a escola abre as portas à comunidade.

Inspirada na leitura do Desiderio (2017) foi sugerido aos estudantes o contato com outro tipo de educação visual africana. Para isso, utilizamos o aplicativo *Instagram*, no perfil @everydayafrica, cujas imagens trazem outras perspectivas africanas, que não as usuais dos livros didáticos. Em seguida, os estudantes foram questionados pela professora: “Assim como o Brasil, a África também possui um imaginário visual. Como vocês acham que as pessoas de fora do nosso país nos imaginam?”

“Ah... eles acham que aqui é carnaval, mulher sambando, cerveja, favela, floresta, essas coisas, dona...”. “Sim. Então será que os livros didáticos de geografia no Brasil também não fazem a mesma coisa com o continente africano? Será que a África só tem savana, zebra, crianças passando fome, esse tipo de coisa que vocês veem aí nos livros? Depois que vocês tiveram contato com as imagens do *Instagram*, ainda acham que a África é só essa do livro?”

Com esses questionamentos, os estudantes começaram a perguntar à professora se o que estava no livro era mentira. E assim, o diálogo foi sendo construído, permitindo que os estudantes pudessem (re)imaginar o espaço a partir de outras miradas, como as das fotografias do *Instagram*, por exemplo, permitindo também que o pensamento pudesse atravessar o conteúdo imagético do livro para outras potencialidades.

Nesta primeira etapa, a sugestão foi para que os estudantes construíssem um cartaz com imagens africanas e o que poderia caber nele como tema: “Um continente em busca da sua própria imagem”. O tempo era escasso e uma das preocupações foi a de que eles pudessem inseri-los dentro do contexto proposto da semana da consciência negra, o que de fato seria importante para eles pensarem a respeito disso.

Na segunda etapa, o “mapa mundi” sem o contorno do continente africano foi entregue, mas poucos estudantes participaram e deram importância. Então, a professora fez uma leitura de dados em páginas de *blogueiras*² negras, para tentar impulsioná-los a pensar no assunto. A escola está localizada em um bairro periférico de Paulínia, onde boa tocassem de alguma maneira. Entre eles, foi feita a leitura de alguns números, tais como: a porcentagem do Brasil como a maior população negra do mundo, ficando atrás somente da Nigéria; em 2015, apenas 1% das mulheres em comerciais eram negras. Em 2016, 13%, e em 2017, 21%. Entre os homens, 87% eram brancos.

“Esses números não são estranhos de se pensar, quando 54% da população brasileira é negra?”

Por que as cotas incomodam tanto? Apenas 12,8% dos estudantes de ensino superior são negros. Enquanto nos presídios, negros representam 64% da população carcerária. Por que um negro buscando um diploma incomoda mais do que numa prisão? E por último; e não menos importante, sobre o feminicídio: nos últimos dez anos os números de assassinatos caíram 8% entre as mulheres brancas. E aumentaram 15,4% entre as negras.

Nesse sentido, a leitura desses dados fez com que os estudantes se posicionassem de forma mais participativa no trabalho, e sugeriram fazer cartazes de protesto com aquilo que mais os incomodava.

As meninas foram mais participativas, e argumentaram que o maior preconceito que sentiam era sobre o cabelo. E por essa razão, foi notável perceber que muitos deles eram alisados quimicamente. A partir disso, alguns cartazes foram feitos.

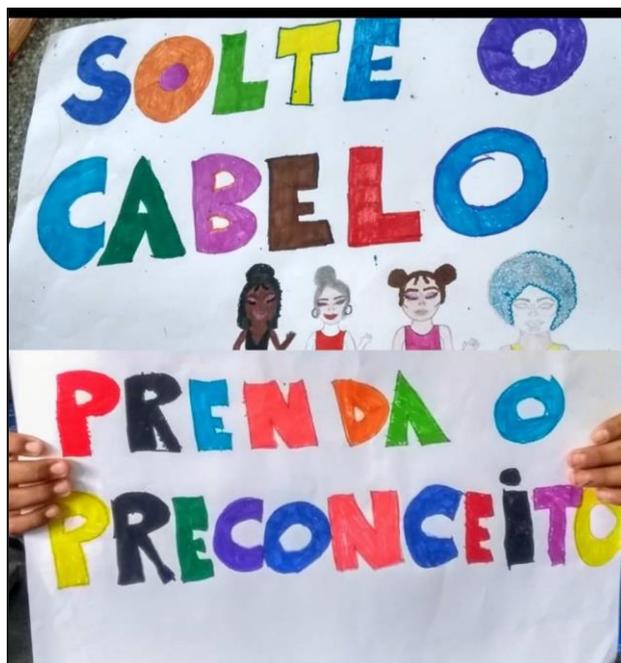
Nota-se que a preocupação entre os adolescentes estavam ora na questão estética (cabelos), ora no passado escravagista. Não se discutiu entre eles as questões políticas que envolviam a situação de ser uma pessoa preta no contexto das eleições presidenciais que estavam acontecendo naquele

² Acesso para o endereço: <https://www.instagram.com/taycabral/>. Acesso em 08/02/2019.

momento. Muitos deles, pretos, sequer sabiam do funcionamento das cotas raciais em universidades públicas, por exemplo, e que essas poderiam ser cortadas de acordo com o discurso de alguns candidatos à eleição presidencial.

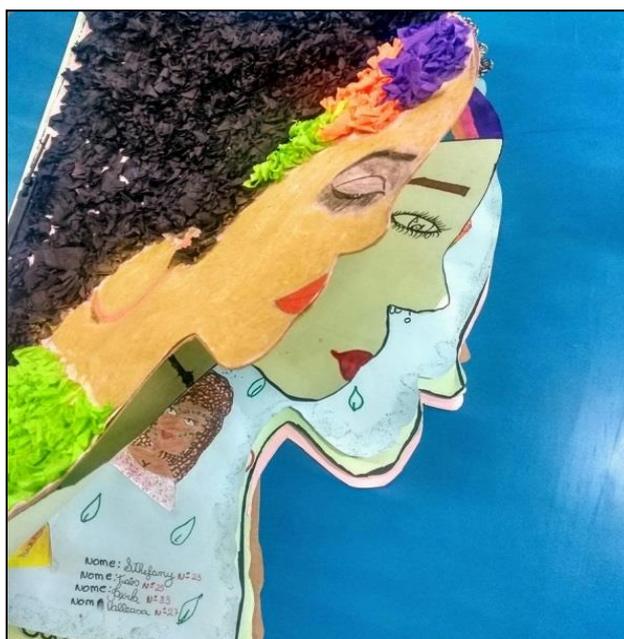
Como conscientizar os jovens futuros eleitores? Com provocá-los a ponto de incentivar para a luta? Quais são as pautas que realmente lhes são importantes?

Figura 2 - Cartaz “Solte o cabelo, prenda o preconceito”.



Fonte - Acervo de Souza (2018)

Figura 3 - Cartaz “Marielle Franco”



Fonte: Acervo da Autora (2018)

Como professora, qual seria a melhor atuação para que esse assunto não ficasse apenas no cartaz? Como o substantivo luto, cujo significado poderia ser dado aos antepassados que morreram escravos, para a execução da vereadora Marielle Franco, para os números de feminicídio que foram lidos durante a aula, poderiam se tornar verbo?

Naquele momento, o luto como verbo era pelo cabelo crespo das meninas adolescentes, e talvez tenha sido o primeiro impulso para outros tipos de luta. Ter cabelo crespo e ser aceito também é um tipo de resistência.

PENSAMENTOS EM (DES)CONSTRUÇÃO

As experimentações que nos fizemos refletir sobre nossas pesquisas e práticas em educação geográfica partiram da concepção de que a crise da democracia é um fenômeno que se dá em âmbito mundial, através de dinâmicas perversas, das políticas de choque, em que o polo reativo da subjetividade atua com mais força, por isso nos despotencializamos com mais intensidade do que preservamos nosso polo ativo.

Mas é justamente nessa oscilação que o capitalismo em sua fase financeirizada global atua em nossas subjetividades, fazendo que com as nossas perplexidades, frustrações, medos e decepções nos conectem a produtos que o mercado oferece para todos os gostos e camadas sociais. Dentro dessa gama de produtos está o acesso às redes sociais, que nos últimos anos tomou proporções significativas em nossas vidas. Além disso, se tornam, nesse contexto possibilidade de argumentar “por conta própria”, “livremente”, “virtualmente” sobre qualquer tema. A vontade de falar sem entender ou saber argumentar é da mesma ordem de ter uma arma sem saber atirar, já que diante de tamanha “ineficiência” do Estado, as pessoas acreditam que podem resolver todos os problemas. Nas redes sociais, todos são capazes de intervir sobre a “realidade”, postando, *twitando* ou dando *likes*, mas pouco argumentando sobre os assuntos abordados nessas mídias.

Em grande medida a colonização das mídias por instrumentos de poder massivos nos colocou diante de situações e roteiros retrógrados e ultrapassados através dos quais assistimos, e assim continuamos inertes aos ataques e a perdas de nossos direitos básicos conquistados às duras penas e à custa de vidas, travestidas de “acesso à informação”. Informações que não são da ordem da experiência, pois a sua veracidade e velocidade nos colocam em riscos, já que as narrativas e discursos que propagam nos colocam muito mais diante de nosso polo reativo, ou seja, nos despotencializa.

A questão passa a ser então: qual o papel das redes sociais neste contexto? Será que essas são capazes de ativar nosso polo ativo, tornando-as potentes em nossas práticas? Em nossas condições de existência?

Será possível assim como Dona Virgínia, a personagem de Terra Sonâmbula (2007), inventar geografias e histórias capazes de mobilizar nossos afetos, como mobilizou a pesquisa de doutorado de Desiderio (2017), e conseqüentemente do Souza (2017)?

Esses pequenos fragmentos de pensamento também mobilizaram os estudantes na escola a discutir ao menos o passado escravagista do Brasil, e o que mais os afetou naquele momento era uma condição estética: a do cabelo crespo, e a violência com o que os padrões de “beleza” mundiais, e muito mais o estereótipo e a alteridade característicos do discurso colonial perfazem todas essas condições de existência da população afro-brasileira e africana.

Diante das nossas reflexões, entendemos que fazer do substantivo o verbo talvez seja uma das propostas. Lutar e não estar de luto, diante das possibilidades que nos são apresentadas: dentro do contexto escolarizado, ou não. Resistir para que nosso processo democrático já em risco, não seja legitimado por uma série de discursos violentos que confirmam o estado exercendo uma política de morte, ou uma necropolítica, conforme aponta MBEMBE (2018), uma política baseada no entendimento da soberania como sinônimo de poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.

Por que a África continua sendo exclusivamente o lugar dos pretos no mundo? O lugar de onde saíram todos os “escravos” que vieram para o Brasil? Por que o cabelo crespo das meninas é que o que mobiliza os estudantes quando solicitados a pensar em questões que envolvem a situação do negro e da mulher negra no Brasil e naquela sala de aula? Por que tamanha violência informada pela

professora através de dados não é capaz de fazê-los pensar em suas próprias condições de existência em um momento em que uma campanha a candidatos à presidência depreciava e atacava absurdamente pessoas: pobres, negras, mulheres, indígenas e quilombolas, principalmente? Por que agressões, violências, e os discursos fascistas, contra a população ganharam espaço nas redes sociais com tamanha força?

Algumas questões como essas talvez ainda estejam sendo elaboradas, já que foram tomando parte de nossas vidas de forma veloz e intensa. Isso não significa que não existiam antes, mas de que alguma maneira não circulavam com tamanha força.

Nesse pacote, estão os professores, que se tornaram alvo de acusações, de atuarem em sala de aula como doutrinadores, como meros reprodutores de discursos ideológicos, diante de pautas de ataque e marginalização da educação pública. Diante de todos esses contextos, acreditamos que o encontro é uma forma de resistir. Resistir à atuação de um grupo que “representa” politicamente os interesses de uma classe média atrasada e de uma burguesia que só tende a enriquecer ainda mais, invisibilizando e marginalizando a esmagadora maioria da população.

É importante destacar que resistimos a um Brasil racista, machista, homofóbico, misógino, violento, corrupto, resistimos ou pelo menos tentamos resistir a uma guerra em que o inimigo é a população, os direitos básicos conquistados, e a liberdade de educar pessoas que sejam capazes de pensar sobre suas histórias e trajetórias (MASSEY, 2008), e escolher suas próprias lutas, por exemplo.

Por isso, as nossas experimentações, os nossos exercícios de pensamento na educação geográfica como resistência, pertencem nesse momento à esfera da micropolítica. Elas arranham, tencionam a macropolítica, mas são modos de experimentar resistências e lutas diante de um contexto em que a velocidade e a violência não nos permite tempo para pensar, para elaborar a que e como resistiremos, pois ainda estamos no terreno da dúvida, da indecisão, da frustração, do medo, da imprevisibilidade, do trauma, e conforme Rolnik (2018) e como já ressaltamos anteriormente, essa situações de choque podem ampliar o alcance da nossa mirada, tornando-nos mais capazes de acessar os efeitos da violência em nossos corpos, de decifrá-los e expressá-los, e portanto, mais aptos “[...] a inventar maneiras de combater-los” (ROLNIK, 2018, p. 102).

Nossas pesquisas e práticas escolares, educativas e de vida perseguem maneiras de combater, e nesse caso, a resistência se torna mais uma maneira de inventar outros modos de existência do que enfrentar situações opostas. Trata-se, portanto, de a partir desse contexto, vislumbrar possibilidades de experimentar resistências.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. <https://doi.org/10.22456/2238-8915.36180>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Trad. de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).

DESIDERIO, Raphaella de Toledo. **Composições e afetos como fotoáfricas: exercícios de pensamento na educação geográfica**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166065>. Acesso em: 20 agosto de 2018.

KLEIN, Naomi. **Não basta dizer não**. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MASSEY, Dooren. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. Trad. de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PELBART, Peter Pál. **Estamos em Guerra**. São Paulo: n-1 edições, 2018. (Caixa Pandemia – Série de Cordéis).

RIBEIRO, Djamila. Figurações do Outro. In: **Revista Cult**, nº 207, janeiro de 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROLNIK, Sueli. **Esferas da Insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Sueli. **A hora da micropolítica.** São Paulo: n-1 edições, 2016. (Caixa Pandemia – Série de Cordéis).

SOUZA, Carina Merheb de Azevedo. **Experimentações com imagens: clichês e rasuras na dicotomia rural-urbana do ensino de Geografia.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas/SP, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332942>. Acesso em: 20 agosto de 2018.

WUNDER, Alik. Uma educação visual por entre literatura, fotografia e filosofia. In: **Políticas Educativas**, v.3, n.1, p. 65-78, 2009.

Recebido em: 09/09/2019

Aceito para publicação em: 12/12/2019